



9º Congresso de Pós-Graduação

A IDENTIFICAÇÃO DE ALGUMAS CAUSAS DO FASCISMO ALEMÃO SEGUNDO WALTER BENJAMIN

Autor(es)

GILBERTO BRANDAO MARCON

Orientador(es)

PROF.DR.BRUNO PUCCI

1. Introdução

O trabalho aqui proposto se dá em torno do texto crítico de Walter Benjamin (1892-1940), a coletânea editada por Ernest Jünger em 1930 e visa a identificar a leitura que o mesmo propõe em torno do fascismo alemão, num momento que antecede a ascensão do nazismo ao governo alemão em 1933, a perseguição do qual viria a sucumbir através do suicídio. Nele torna-se possível buscar identificar a capacidade de leitura do citado autor do momento histórico por ele vivenciado na condição de alemão judeu, constituído de uma formação de filósofo, tendo por opção política a esquerda socialista, ligado à Escola de Frankfurt, assumindo uma abordagem crítica fundamentada no marxismo.

2. Objetivos

Assim identificado o contexto histórico, o objetivo deste trabalho é produzir leitura atenta em torno do texto de Benjamin e identificar o seu objeto de estudo, a problematização por ele proposta, e pontuar as críticas construídas pelo autor. A proposta é ter o texto como unidade de leitura, buscando-se apenas, à medida que se fizer necessário, outras fontes bibliográficas para acrescer em seu entendimento. Porém, fundamentalmente o que se almeja é centrar a atenção no texto, e mais do que uma resenha de informações, produzir também reflexões que permitam que este trabalho possa vir a ser utilizado como leitura suplementar em relação ao momento histórico onde ele está inserido, a partir das condicionantes específicas acima mencionadas que delimitam o sujeito na função de autor do mesmo.

3. Desenvolvimento

A análise de Benjamin em torno do tema fascismo alemão será produzida tendo por base a coletânea literária fascista, Guerra e Guerreiros, editada por Ernest Jünger (1895-1998). Antes de se direcionar a obra, foram buscadas informações sobre o seu citado editor na perspectiva de que tais informações viessem a contribuir na formação de um contexto onde surge a coletânea, pois a vida do autor acredita-se contribuir para elucidar em parte o texto, a partir de seu editor. Desde já é importante ficar claro que o interesse se refere à sua figura no que possa estar ligada ao citado livro, e então duas questões. Benjamin morre em 1940 e Jünger, centenário, somente em 1997, aos 102 anos. Em tese o interesse se refere a este momento de intersecção e por centro a sua citada obra, de 1930. Em termos históricos, sem filtrar juízos de valores, pode-se afirmar se tratar de um dos maiores escritores alemães do século XX. Escreveu cerca de 50 livros. Em texto do escritor Marcos A. P. Ribeiro à revista eletrônica Terra Magazine encontram-se informações esclarecedoras sobre Jünger: [...] homem de ação e intelectual refinado: preocupava-se tanto com a melhor maneira de organizar os soldados nas batalhas como as palavras nas frases. [...] desde cedo fascinado pela natureza e pela leitura, aos 17 anos fugiu de casa para alistar-se na Legião Estrangeira e conhecer a África com a qual sonhava. Ferido várias vezes durante a Primeira Guerra Mundial,

recebeu a maior condecoração alemã e foi considerado herói de guerra. No entre-guerras, [...] integrou grupos militares de direita, aproximou-se ideologicamente do nazismo, fez experiências com drogas alucinógenas, estudou zoologia e filosofia [...] (RIBEIRO, 2006) No pós-Primeira Guerra ele terá uma atuação intensa como escritor, assim no período que antecede a obra que é motivo de estudo de Benjamin: [...] Julien Hervier, também tradutor de numerosas obras de Jünger, fez notar que todo o seu primeiro período de criação foi colocado sob o signo da guerra e do exército, [...] profundamente marcado pelo pensamento de Nietzsche, bem como por Ariosto, cujo Orlando Furioso terá constituído para si leitura privilegiada [...] Entre 1920 e 1925 escreve nada menos do que cinco obras consagradas à guerra [...] E há que não esquecer este incómodo pormenor, publica em 1923 [...] um artigo onde glosa as virtudes do nacional-socialismo e venera a sinistra figura de Hitler. [...]. (CHAVES) Por fim, a respeito Jünger, é importante além das informações objetivas o acréscimo de percepções subjetivas construídas em torno da leitura de seus textos: [...] a leitura de uma obra [...] sem cesuras - como a de Jünger nos faz sentir, tanto o calafrio do horror, como o fascínio da dimensão do "grande tempo", de onde ressalta a insignificância das pequenas contingências que nos sustentam o quotidiano; tanto a beleza que ajuda a suportar a mesquinhez do século, como a mais perigosa atracção do abismo. [...] Jünger é mais obsessivo e radical, [...] perdendo de vista a medida do humano [...] (BARRENTO, 2002) Construído um contexto para obra e autor, iluminado o objeto de estudo e alvo da crítica, também ela ilumina-se, e assim entende-se que as principais questões identificadas por Benjamin estejam distribuídas em seis temas: a vivência de guerra; a guerra como experiência mitificada; guerra como satisfação; apologia a guerra; a germanidade ou espírito germânico e vitória e derrota. Não se tratam de aspectos isolados, mas antes interativos entre si. A começar pela experiência de guerra visto como algo em comum entre os atores que compõem a coletânea. A questão que segue é de como vivenciaram esta experiência. A resposta vai no sentido de que tais autores mitificaram a experiência, distanciando das suas mazelas, e encontrando satisfação numa espécie de prazer belicoso, alimentados pela ilusão de um firme sentimento de imortalidade, transformaram as abominações da última guerra [...] em algo de grandioso e terrível. (BENJAMIN, 2011, p.68). Confirmando tal mitificação, Benjamin identifica em passagens da obra: [...] Os mortos de guerra ao tombarem passaram de uma realidade imperfeita a uma realidade perfeita, da Alemanha temporal à Alemanha eterna [...] (IBID.,). Eis o por que da apologia a guerra, imaginando-se por satisfazer o anseio de gozar novamente da satisfação e empolgação com uma nova guerra de proporções planetárias. Neste sentido, isto parece antes associado à força da vontade do que à reflexão da razão; é o que fica percebido em fragmentos como: [...] A guerra foge a qualquer economia regida pela inteligência, em sua razão existe algo de sobre-humano, desmedido, gigantesco, algo que lembra um processo vulcânico, uma erupção elementar uma onda colossal de vida, dirigida por uma força dolorosa, coercitiva, unitária, transbordando sobre campos de batalha, que hoje já se tornaram míticos, canalizada para tarefas que ultrapassam os limites do que hoje pode ser compreendido. [...] (IBID., p.64), ao que Benjamin alveja com a seguinte análise: São as palavras de um noivo loquaz que não sabe abraçar sua amada (IBID.,). Mantém tal chama belicista acesa, um aspecto conjuntural relacionado à última guerra, afinal em que pese a satisfação às avessas destes ex-combatentes, o fato é que não conquistaram a vitória, mas amargaram a derrota, e Benjamin não apenas identifica tal questão como produz reflexão que merece destaque: [...] o vencedor conserva a guerra, o derrotado deixa de possuí-la; o vencedor a incorpora a seu patrimônio, transforma-a em coisa sua, o vencido não a tem mais, [...] perda significa se levarmos em conta que perdemos uma das maiores guerras da história, [...] vinculada a toda a substância material e espiritual do povo (IBID., p.65). É do encontro entre esta rejeitada derrota com o espírito germânico que se alimenta a apologia um novo embate. Basta perceber que nenhum dos autores afirma que perdeu a guerra, como se estivesse inacabada. Não só o objetivo não foi atingido, como a derrota trouxe a punição, apaziguada a Alemanha concreta, o a sua essência coletiva, denominada de germanidade, mantém-se convulsionada desde 1919. A este respeito Benjamin cita Florens Christian Rang (1864-1924) visando a conceituar a germanidade: [...] a aparente vontade senhorial contida nessa idealização da morte nos campos de batalha, que destrói friamente a vida, trocando-a pela ideia [...] essa cruel concepção do mundo, da morte universal, e não da vida universal, que no idealismo alemão alivia o horror com a ideia de que atrás das nuvens existe um céu estrelado (IBID., p.66). Que após introduzir tais características, sintetizando-as numa diretriz fundamental do espírito alemão, concluindo-a como: a dúvida atitude alemã com relação à vida: poder jogá-la fora, quando ela não custa nada, num momento de embriaguez, num gesto que ao mesmo tempo assegura o sustento dos que ficaram e auréola a vítima com uma glória ilusória" (IBID.,). Tem-se, enfim, um contexto geral onde estão inseridos os autores que participaram da obra editada por Jünger, e poderia propor-se o seguinte desafio, identificá-los numa característica comum que justifique a sua produção literária, e isto é algo possível, afinal o que são eles, senão sobreviventes da guerra, cuja síntese pode ser observada: quando comparamos os rostos leves, impetuosos, entusiásticos dos soldados de agosto de 1914 com as fisionomias mortalmente cansadas, implacavelmente tensas, esqueléticas, dos participantes da guerra de material, de 1918 [...] (IBID., p.69), no que Benjamin avalia que o perfil do soldado em questão é aquele que: sobreviveu à grande guerra, e foi de fato a paisagem do front, sua verdadeira pátria, que ele defendeu no pós-guerra. Essa paisagem parece um exame mais prolongado (IBID.,).

4. Resultado e Discussão

Com isto, proposto o problema não apenas à observação, mas também à análise, passa-se a desenvolver os aspectos que foram objeto de crítica por Benjamin. A começar pelos autores presentes na obra, como entender sua atitude. Segundo Benjamin a coletânea examinada assemelha-se a um prospecto de propaganda, ideologicamente formulado por autores: digressões lamuriantes com que exprimem sua decepção sobre a forma da guerra, a guerra de material, cegamente mecânica, da qual os espíritos mais nobres estavam visivelmente cansados, [...] eles não pararam de lutar. Continuaram celebrando o culto da guerra (IBID, p.65). Neste

sentido difundiam a destruição, pregavam a destruição, da qual haviam escapado (IBID.), não se conectando com o futuro e acabando como reféns do passado. Em torno de tal atitude partindo de uma estética guerreira, acabaram por empreender numa contínua apologia à guerra que, na prática, implicaria a instrumentalização do Estado visando a este fim. No que tange a estética bélica que estruturou o seu discurso. Benjamin na página 63 apresenta frases dos próprios autores tais como: conduzimos a guerra segundo princípios impuros; tornou-se cada vez mais raro combater de homem a homem e tropa contra tropa; "muitas vezes os oficiais da linha de frente conduziram a guerra sem qualquer estilo"; com a incorporação, no corpo dos oficiais e dos suboficiais das massas, do sangue inferior, [...] em suma, do homem comum, os elementos [...] aristocráticos da atividade militar foram sendo crescentemente abolidos e A guerra hoje em dia não é mais conduzida, e sim administrada. Não tratava de uma análise sobre um fato passado, mas uma apuração de onde havia ocorrido erro para ser corrigido. Neste sentido, cultivava-se o estado belicoso e apologista à guerra, nos quais Benjamin parece ver limitações literárias, mas capacidade de mobilização: entusiasmo pubertário que desemboca num culto e numa apoteose da guerra [...] essa nova teoria da guerra, que traz escrita na testa sua origem na mais furiosa decadência [...] tentam apropriar-se da atualidade sem terem compreendido o passado. [...] formular algo com clareza e chamar as coisas verdadeiramente pelo seu nome está fora do alcance dos autores (IBID.).

5. Considerações Finais

Benjamin vê no material literário exposto por tais autores no mínimo como omissão, à medida que estes: autores omitiram o fato de que a batalha de material, na qual alguns deles vislumbram a mais alta revelação da existência, coloca fora de circulação os miseráveis emblemas do heroísmo, que ocasionalmente sobreviveram à grande guerra (IBID, p.62). A apologia à guerra é alimentada num distanciamento dos percalços efetivos da realidade, impulsionada por uma visão romantizada do processo bélico. Benjamin tem a clara percepção que para que se constitua na realidade a almejado e propagado por tais autores, se faria necessário a atuação e fortalecimento do Estado, hora enfraquecido: É compreensível que para os melhores e mais refletidos desses autores se coloque a questão do controle da guerra pelo Estado. Pois, nessa teoria mística da guerra, o Estado desempenha naturalmente um papel importante. (IBID, p.71). O pensamento autônomo desses autores começa com a verificação do fracasso do Estado no que diz respeito à guerra. As formações surgidas no pós-guerra, híbridas entre confrarias religiosas e agências regulares do poder público, consolidaram-se rapidamente em bandos independentes e desvinculados do Estado, e os magnatas financeiros da inflação, começando a pôr em dúvida a competência do Estado como protetor dos seus bens, souberam apreciar a seu devido valor as ofertas desses bandos [...] (IBID., p. 71) Quanto a Benjamin, há que se reconhecer a aguçada sensibilidade do autor, levando em conta ao analisar um texto de 1930, que antecede a consolidação dos nazistas no poder, ao identificar boa parte dos elementos que acabaram por confirmar-se pela realidade. Neste sentido é interessante observar o que na época ele conseguia identificar como expectativas em relação ao futuro da Alemanha quanto à guerra. A guerra que esse clarão ilumina não é nem a eterna, que os novos alemães invocam, nem a "última", com que se entusiasma os pacifistas. Na realidade, é apenas isto: a única, terrível e derradeira oportunidade de corrigir a incapacidade dos povos para ordenar suas relações mútuas segundo o modelo das suas relações com a natureza, através da técnica. Se o corretivo falhar, milhões de corpos humanos serão despedaçados pelo gás e pelo aço porque eles o serão, inevitavelmente (IBID., p.50) Benjamin acabou por observar os primeiros movimentos, talvez como aquele que vê um pesadelo invadir a realidade, ou como aquele que estoicamente percebe a inviabilidade em continuar vivendo, de modo que não teve a escolha de atuar como autor, mas acabou no indesejado papel de ator compulsório, e vítima real do enredo, cuja sua participação terminou em 1940.

Referências Bibliográficas

BARRENTO, J., Ernst Jünger: que a beleza nos preserve do mal!, Revista de Cultura, Dez/2002. Disponível: <http://www.revista.agulha.nom.br/ag31junger.htm> BENJAMIN, W., Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política, São Paulo: Ed. Brasiliense, 2011. CHAVES, A. R., Um alemão no século XX. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/26838595/Ernst-Junger-%C2%ABAGuerra-come-Experiencia-Interior%C2%BB>. Acesso em 21/08/2011. RIBEIRO, M. A. P., Ernest Jünger passou despercebido em visita à Bahia, Terra Magazine,2006.Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI114571-EI6581,00.html>. Acesso em 21/08/2011.